

## REPRESENTAÇÃO DA VELHICE: REFLEXÕES SOBRE ESTEREÓTIPO, PRECONCEITO E ESTIGMATIZAÇÃO DOS IDOSOS

### REPRESENTATION OF OLD AGE: REFLECTIONS ON STEREOTYPE, PREJUDICE AND STIGMATIZATION OF THE ELDERLY

### REPRESENTACIÓN DE LA VEJEZ: REFLEXIONES SOBRE ESTEREOTIPO, PREJUICIO Y ESTIGMATIZACIÓN DE LOS MAYORES

Nádia Marota Minó<sup>1</sup>

Rita Márcia Andrade Vaz de Mello<sup>2</sup>

#### Resumo

O artigo, analisa-se a representação social dada à velhice, refletindo sobre preconceitos, dificuldades/problemas, recompensas/vantagens que envolvem idosos, a fim de desconstruir estigmatização(ões). Para maior entendimento sobre as especificidades dessa fase, adota-se como metodologia a pesquisa descritiva, com abordagem qualitativa. Utilizam-se, para tanto, as bases de dados da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações – BDTD (teses e dissertações); da *Scientific Electronic Library Online* – Scielo; e do Portal de Periódicos Capes; como auxílio, o *software* VOSviewer foi empregado para avaliar 50 obras/estudos publicados entre 1999 e 2019, que abordavam (no mínimo parcialmente) o assunto. Conclui-se que existe uma visão preconceituosa sobre o envelhecimento, além de acepções e conceitos contraproducentes que podem gerar estereótipos negativos e ainda causar a exclusão dos idosos na sociedade. É importante haver espaço, em nossa cultura, à vivência da heterogeneidade, reconhecendo as necessidades decorrentes das alterações biopsicossociais da velhice. Acredita-se que, dessa forma, seja possível amenizar/eliminar o preconceito e o negativismo decorrentes dessa etapa de vida.

**Palavras-chave:** representação social; envelhecimento; velhice; estigmatização; estereótipo.

#### Abstract

The article, the social representation given to old age is analyzed, reflecting on prejudices, difficulties / problems, rewards / advantages that involve the elderly, in order to deconstruct stigmatization (s) and enable an increase in the quality of life of these individuals. Thus, the aim is to collaborate to enhance the figure of the elderly, so that they have the opportunity to achieve a more active and healthy social life. For a better understanding of the specificities of this phase, descriptive research is adopted as a methodology, in the form of a qualitative approach. For that, the databases of the Brazilian Digital Library of Theses and Dissertations - BDTD (theses and dissertations) are used; Scientific Electronic Library Online - Scielo; and the Capes Journal Portal; as an aid, the VOSviewer software was used to evaluate 50 works / studies published between 1999 and 2019, which addressed (at least partially) the subject. Thus, it was possible to attest that there is a prejudiced view on aging, in addition to counterproductive meanings and concepts that can generate negative stereotypes and still cause the exclusion of the elderly in society. It is important to have space, in our culture, for the experience of heterogeneity, recognizing the needs arising from the biopsychosocial changes of old age; it is believed that, in this way, it is possible to alleviate / eliminate prejudice and negativism resulting from this stage of life.

**Keywords:** social representation; aging; old age; stigmatization; stereotype.

#### Resumen

<sup>1</sup> Doutorado pelo Programa de Pós-Graduação em Economia Doméstica – PPGED – Famílias Políticas Públicas e Desenvolvimento Humano e Social) pela Universidade Federal de Viçosa (UFV) (2020). Mestre pelo PPGED – UFV (2016). Licenciada em Pedagogia pela UFV (2013). Especialista em Gestão Escolar e Coordenação Pedagógica pelo Grupo FAVENI (2021). E-mail: [nadiamino@gmail.com](mailto:nadiamino@gmail.com) Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2932-9710>

<sup>2</sup> Graduação em Pedagogia pela Universidade Federal de Viçosa, Mestrado em Extensão Rural pela Universidade Federal de Viçosa. Doutorado em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais e Pós-doutorado em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e Université Paris Descartes (Sorbonne). E-mail: [ritamarciamello@gmail.com](mailto:ritamarciamello@gmail.com) Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7473-9559>

En este artículo se analiza la representación social que se le da a la vejez, reflexionando sobre los prejuicios, dificultades / problemas, recompensas / ventajas que involucran a las personas mayores, con el fin de deconstruir la (s) estigmatización (es) y posibilitar un aumento en la calidad de vida de estos individuos. Así, el objetivo es colaborar para potenciar la figura de las personas mayores, para que tengan la oportunidad de lograr una vida social más activa y saludable. Se adopta como metodología la investigación descriptiva, en forma de abordaje cualitativo, a la hora de describir las características del fenómeno referido. Para eso, se utilizan las bases de datos de la Biblioteca Digital Brasileña de Tesis y Disertaciones - BDTD (tesis y disertaciones); Biblioteca electrónica científica en línea - Scielo; y el portal de revistas de Capes; Como ayuda, se utilizó el software VOSviewer para evaluar 50 trabajos / estudios publicados entre 1999 y 2019, que abordaron (al menos parcialmente) el tema. Así, se pudo constatar que existe una visión prejuiciada sobre el envejecimiento, además de significados y conceptos contraproducentes que pueden generar estereotipos negativos y aún provocar la exclusión de las personas mayores en la sociedad. Es importante tener espacio, en nuestra cultura, para la experiencia de la heterogeneidad, reconociendo las necesidades derivadas de los cambios biopsicosociales de la vejez; se cree que, de esta forma, es posible aliviar / eliminar los prejuicios y negativismos derivados de esta etapa de la vida.

**Palabras clave:** representación social; envejecimiento; vejez; estigmatización; estereotipo.

## INTRODUÇÃO

O envelhecimento constitui uma realidade generalizada, em detrimento da melhoria substancial dos parâmetros de saúde da sociedade em geral. No Brasil, o número de idosos com mais de 60 anos de idade deve alcançar 32 milhões em 2020 (VERAS; OLIVEIRA, 2018), havendo a previsão de uma em cada três pessoas com mais de 60 anos de idade até 2060 (CAMARANO, 2004).

Diante dessa perspectiva, a velhice pode ser exaltada por sua pluralidade de experiências individuais, já que o idoso deve ter adquirido muitos conhecimentos durante sua vida, e essa vivência o denota como detentor de grande sabedoria (BEAUVOIR, 1990). Assim, pressupõe-se que a velhice deva ser celebrada, por representar uma fase na qual nem todos conseguem alcançar.

Quanto aos aspectos biológicos e físicos, é sabido que o envelhecimento gera muitas transformações do corpo: a pele perde a tonicidade, as rugas aparecem, os sentidos da audição e visão são reduzidos, motivos pelos quais essa fase se torna temida ou, muitas vezes, negada (GUERRA; CALDAS, 2010). Inclusive, muitos tentam acompanhar o que a sociedade dita como moda, temas de interesse e costumes para se conservarem jovens.

Para Todaro (2009), o bem-estar e a aceitação social parecem estar sempre associados ao corpo belo e jovem. Minó e Farias (2016) acrescentam que o envelhecimento, sobretudo para a mulher da sociedade contemporânea brasileira, é predominantemente associado a um processo negativo, notando-se uma constante busca pela preservação da juventude. Tais estereótipos negativos socialmente construídos reforçam comportamentos e percepções que identificam uma ingratidão nessa fase, além de gerar um desgaste físico e mental do idoso. Por outro lado, alguns autores, tais como Monteiro (2008), Menezes, Lopes e Azevedo (2009),

Goldenberg (2013) e Silva (2013), percebem uma valorização dessa fase de vida, oriunda da beleza, da sabedoria e da autonomia pessoal adquiridas no decorrer dos anos vividos.

Mercadante (2009, p. 42) é um dos autores que revela representações que naturalizam a fragilidade e a dignidade na velhice ao mesmo tempo em que expõe aspectos que destacam positivities como superação, conquista e longeviver - em um primeiro momento, a velhice pode ser vista apenas como o período de espera pela morte, ou seja, um período de declínio, o que negaria, assim, a possibilidade de um futuro para o velho; por outro lado, admite-se que a velhice pode ser vista como “uma vitória; uma prova de resistência, um desafio para fortes; uma fase de humilhações e falta de dignidade; degradação; vulnerabilidade”.

A partir do breve exposto, acredita-se que a compreensão sobre as diferentes representações sociais seja essencial para oferecer elementos que auxiliem no desenvolvimento de uma velhice saudável e satisfatória.

Assim, neste artigo, objetiva-se descrever os estereótipos relacionados ao envelhecimento, refletindo sobre preconceitos e implicações que envolvem idosos. Pretende-se investigar a hipotética visão preconceituosa sobre o envelhecimento, decorrente de informações insuficientes a respeito desse processo.

É importante desmistificar as representações sociais negativas, assim como acepções e conceitos contraproducentes, para impedir a exclusão dos idosos na sociedade, situação comumente observada e alarmante em todo o mundo. Entre os objetivos específicos, visa-se esclarecer sobre as possibilidades de ganhos evolutivos oriundos dessa fase de vida, e valorizar a figura do idoso, para que este tenha a oportunidade de conquistar uma vida social mais ativa e saudável. As características relacionadas ao envelhecimento podem ser diferentes ou de intensidades distintas, sendo agrupadas da seguinte forma: dificuldades ou percalços identificados na velhice; e recompensas ou benefícios encontrados na velhice.

Ao se optar pelo levantamento da literatura, possibilitam-se a discussão e a compreensão do assunto escolhido, de modo descritivo e qualitativo. Inicialmente, foi efetuada a busca na base de dados da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações – BDTD (teses e dissertações); da *Scientific Electronic Library Online* – Scielo; e do Portal de Periódicos Capes, com as seguintes palavras-chave: representação social; envelhecimento; velhice; estereótipo; estigmatização; desafios. Com a utilização do software VOSviewer, especificamente no período entre 1999 e 2019, obtendo-se 50 obras/estudos que abordavam (no mínimo parcialmente) o assunto. Cabe pontuar que algumas pesquisas não tinham como foco principal a representação social da velhice, mas considerou-se importante selecioná-las pelo tema “envelhecimento” desenvolvido sobre/no referido contexto. Essa constatação foi possibilitada pelo uso do

programa supracitado, que auxilia na identificação de palavras-chave e de termos recorrentes nos artigos, conforme proposição pretendida. A busca priorizou documentos em português e publicados no Brasil, filtrando aqueles publicados nos últimos 20 anos.

As perspectivas apontam a identificação de uma (re)produção de tipos específicos de comportamentos, valores, hábitos, atitudes pessoais diretamente relacionados à sociedade na qual estão inseridos. Há, portanto, uma maneira de regulação social que mantém determinados espaços de segregação de gênero, de idade e de sexualidade (MINÓ; MELLO, 2019).

Espera-se que os esclarecimentos oferecidos possam contribuir para o maior entendimento sobre as especificidades que envolvem os idosos, público que vem crescendo aceleradamente e, portanto, necessita de estudos que forneçam informações sobre essa faixa etária. Adicionalmente, pretende-se colaborar para a valorização da figura do idoso, para que este tenha a oportunidade de conquistar uma vida social mais ativa e saudável.

## FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### Representação da velhice

A representação social é caracterizada como um conhecimento, socialmente elaborado e partilhado, com uma finalidade prática, e que colabora para a constituição de uma realidade trivial a determinado conjunto social (DIAS; PAÚL; WATANABE, 2014; MINÓ; MELLO, 2019). Guerra e Caldas (2010, s.p.) definem representação social como “o conjunto de processos psíquicos e cognitivos individuais, que integram determinado conhecimento; este pode ser compartilhado dentro de uma realidade social para descrever uma visão/ponto de vista comum entre as pessoas desse conjunto”. Trata-se de uma representação da palavra que indica ideias, pensamentos, imagens e opiniões de cada consciência humana. Assim, o termo pode ser empregado para substituir ou explicar objetos ou sujeitos, com a finalidade de atribuir significados compreensíveis à determinada sociedade (GUERRA; CALDAS, 2010).

Oliveira (2018, p. 27) destaca a complexidade envolvida nas representações sobre a velhice:

As representações da velhice são complexas. Se, por um lado, o movimento contemporâneo para promover o envelhecimento ativo é positivo, pois incentiva o cuidado com a saúde, a socialização e a busca pelo prazer, por outro, abre-se espaço para a discriminação e o preconceito com relação à parcela da população idosa que não corresponde às expectativas que estão sendo geradas, bem como para a supressão de direitos previamente adquiridos, uma vez que os aspectos negativos são tornados invisíveis e, portanto, não são mais debatidos pela sociedade.

Do mesmo modo, Mercadante (2009) assinala as representações positivas e negativas dessa etapa, ao explicar que muitos elementos naturalizam a fragilidade e a dignidade na velhice, ao mesmo tempo em que muitos aspectos incentivam os cuidados com a saúde, a socialização, entre outros.

Segundo Dias, Paúl e Watanabe (2014) existem representações sociais relacionadas ao sofrimento (ora do idoso; ora causado pelo idoso – “fardo” – ora uma associação deles) e à dependência, sendo que esta condição parece irreversível, justificando a morte como uma saída digna, sensata.

Minayo e Coimbra Júnior (2002) afirmam que o envelhecimento é visto como um processo negativo, impregnado de estereótipos que impedem a construção de uma identidade positiva do idoso. Guerra e Caldas (2010) afirmam que, em geral, o preconceito relacionado ao envelhecimento advém de informações insuficientes a respeito dessa fase, o que culmina em significados e imagens negativas, comprometendo, assim, a vivência e a interação entre indivíduos.

Tais estereótipos podem, portanto, levar à exclusão dos idosos na sociedade, ao promover o seu isolamento:

Os estereótipos constituem a abstração em virtude da qual minha individualidade é alegorizada e transformada em ilustração abusiva de outra coisa, algo não concreto e não individual. Como forma influente de controle social, ajudam a demarcar e manter fronteiras simbólicas entre o normal e o anormal, o integrado e o desviante, o aceitável e o inaceitável, o natural e o patológico, o cidadão e o estrangeiro, os *insiders* e os *outsiders*, Nós e Eles. Tonificam a autoestima e facilitam a união de todos “nós” que somos normais, em uma “comunidade imaginária”, ao mesmo tempo em que excluem, expelem, remetem a um exílio simbólico tudo aquilo que não se encaixa, tudo aquilo que é diferente (FREIRE FILHO, 2004, p. 47-48).

Nesse sentido, observa-se que os rótulos precisam ser conceituados (e contestados) por se tratarem de subterfúgios de idealização simbólica, visando naturalizar, universalizar e legitimar normas sociais de conduta (MINÓ; MELLO, 2019).

Silva (2017) comprova que os pré-idosos, pessoas de 50 a 59 anos, participantes de sua pesquisa, não veem a velhice como algo positivo, manifestando que não estão preparados para envelhecer. Em pesquisa similar, Minayo e Coimbra Junior (2002) atestaram que o tema envelhecimento é intrincado, pois as pessoas se recusam a reconhecer as especificidades que envolvem o envelhecimento e fazem generalizações, relacionando envelhecimento, doença, privação, dependência, tristeza e frustração.

Assim, por conta da carga de preconceitos que os velhos carregam, muitos deles resistem à velhice revelada em seus corpos, buscando meios de retardar esta fase, através do vestuário, do uso de cosméticos e de intervenções cirúrgicas. Esse comportamento pode ser fruto da pressão social sofrida por ter um corpo que biologicamente envelhece e, devido ao olhar de censura da sociedade, os velhos buscam formas de maquiar a realidade.

Para Motta (2002), os modelos cristalizados de preconceito social são amparados na imagem corporal dos quais não se espera vigor ou dinamismo:

O corpo dos velhos é o corpo 'diferente', comparado – em desvantagem – com o modelo de corpo e beleza jovens vigente na sociedade, manipulável para se aproximar deste. Uma série de profissionais cuida desse aspecto: 'alimentação saudável', exercícios físicos, ainda mais eficazes se realizados 'sob orientação especializada' em academias ou com um *personal trainer*, dança de salão, moda mais jovem etc (MOTTA, 2002, p. 43).

Da mesma forma que descrito acima, cita-se o tabu de não gostar de dizer a idade, algo que é imposto pela sociedade, mesmo que o estilo não seja de alguém que parou no tempo, que tenha subjogado as singelas formas de aprendizado. Então, o tempo cronológico acaba motivando algumas atitudes durante a vida, sendo destacado, gradativamente, que: “[...] tornar-se velho é ainda parar e hospedar-se em estações que não permitem nenhum tipo de mudanças e possibilidades” (MONTEIRO, 2005, p. 63).

Gaeta, Mello e Hayar (2017) afixam que o preconceito em relação aos idosos decorre da supervalorização da juventude como única forma de beleza e dinamismo. Frequentemente, os idosos são excluídos porque a sociedade tem a juventude como um de seus principais valores. Com isso, muitas pessoas de idade avançada, por não usufruírem do lazer e da sociabilidade, optam pela privação dos seus lares, sendo vistos como decadentes, conforme explicitado pelos autores:

A cultura ainda nos impulsiona a valorizar o jovem e tende a associar a imagem da pessoa idosa à perdas, deficiências e falta de beleza. Por esse motivo, é preciso valorizar a heterogeneidade cultural e individual caso contrário corre-se o risco de não se conferir importância adequada à influência dos fatores biopsicossociais no envelhecimento (GAETA; MELLO; HAYAR, 2017, p. 93-94).

Segundo Todaro (2009), a aceitação social e o bem-estar dos agentes estão sempre relacionados a um corpo jovem como referencial de beleza. Os meios de comunicação veiculam imagens com atributos e valores juvenis como ideais para todas as idades, internalizando a juventude como referencial de beleza, assim como o do consumo, do descartável, da individualidade, e do ritmo frenético, que não são características próprias dos mais longevos.

Esse ideário social determina a busca pelo modelo de juventude eterna. Além disso, a sociedade não deu conta de acompanhar a evolução do crescimento do número de idosos.

Nesse sentido, torna-se necessário criar caminhos para reduzir os artifícios que disseminam o preconceito sobre os idosos. Com o novo cenário que emerge sobre a longevidade, a sociedade precisa tratar de forma mais respeitosa esses sujeitos, considerando a oportunidade de envelhecer como um fator positivo.

Guerra e Caldas (2010, s.p.) salientam que, em uma sociedade capitalista, “o trabalho é o maior preditor da qualidade de uma pessoa. Isto pode ser evidenciado nas imagens dos idosos quando relatam a velhice como perda de capacidade laborativa e aposentadoria, por exemplo”. Segundo Minayo e Coimbra Júnior (2002), nos tempos modernos, a visão depreciativa sobre os mais longevos vem sendo alimentada pela ideologia ‘produtivista’ que sustentou a sociedade capitalista industrial. Nesses termos, uma pessoa que está impossibilitada de trabalhar e possuir sua própria renda é vista como alguém que pouco ou nada serve para sua comunidade ou país.

Neri (2007) confirma que muitos preconceitos e estereótipos são resultado de diversas crenças sobre a competência e da produtividade dos mais velhos, motivadas por razões econômicas. Diante dessa visão, frequentemente, os velhos são vistos alvos de discriminação social por serem vistos como incapazes e improdutivos. Portanto, não podem ter acesso aos mesmos recursos que têm os jovens e os adultos atuantes no mercado laboral.

O Estatuto do Idoso possui dispositivos que exemplificam os estereótipos compassivos, que prejudicam ao invés de proteger os longevos (NERI, 2007). Citam-se os artigos 2º e 3º, que asseguram absoluta prioridade ao idoso quanto à efetivação dos seus direitos:

Art. 2.º O idoso goza de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei, assegurando-se-lhe, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, para preservação de sua saúde física e mental e seu aperfeiçoamento moral, intelectual, espiritual e social, em condições de liberdade e dignidade.

Art. 3.º É obrigação da família, da comunidade, da sociedade e do Poder Público assegurar ao idoso, com absoluta prioridade, a efetivação do direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, à cultura, ao esporte, ao lazer, ao trabalho, à cidadania, à liberdade, à dignidade, ao respeito e à convivência familiar e comunitária (BRASIL, 2007).

A interpretação do trecho supracitado exhibe a imagem do idoso como dependente, incapacitado, que necessita de facilidades para obter/manter sua saúde, dando função à família de proteger e cuidar desse idoso. Essa descrição é demasiadamente pejorativa e generalizada para as pessoas que atingem idade acima dos 60-65 anos. Ainda assim, considera-se que o Estatuto do Idoso constitui um grande avanço da legislação brasileira, havendo intensa participação das entidades de defesa dos interesses dos idosos.

O referido texto ampliou significativamente a resposta do Estado e da sociedade às necessidades dos idosos, a partir da abordagem dos direitos fundamentais e até do estabelecimento de penas para os crimes cometidos contra esses indivíduos (BRASIL, 2007).

Ainda em relação aos estereótipos compassivos, Neri e Jorge (2006) admitem que o velho é visto como alguém dependente, sem poder político, sendo alvo de intolerância e conflitos com os mais jovens, no âmbito da família e das instituições. Como são sujeitos vulneráveis, os responsáveis por seu cuidado oferecem um tratamento com superproteção, comprometendo, significativamente, sua autonomia.

Na contramão de pensamentos e atitudes negativas que levam ao preconceito e discriminação envolvendo os mais longevos, existem outras formas de envelhecer: há idosos que levam uma vida repleta de bem viver. Na atualidade, pesquisas comprovam esse outro lado do envelhecer, caracterizado pela positividade, saúde (vigor) e dinamismo, tais como a de Abreu (2017, p. 131): “doenças, limitações físicas e morte ocorrem em qualquer idade. Há velhos que desenvolvem patologias capazes de cercear severamente sua independência física, assim como existem os que se mantêm com saúde, autonomia e ativos”.

Com o avanço do envelhecimento crescente e até certa medida acelerado, torna-se necessário que a sociedade se adapte a essas transformações. Segundo Gaeta, Mello e Hayar (2017), a modernidade aponta para a necessidade da desconstrução da imagem negativa do velho e do envelhecimento, tornando-se necessário reescrever esse *Script*.

Cabe ressaltar que os idosos não são mais os mesmos, e seu papel social vem sendo alterado devido às transformações derivadas do núcleo familiar, que começam a aceitar e a adotar o estilo de vida útil, ativo e prazeroso. Entretanto, Gaeta, Mello e Hayar (2017) comprovam que mitos e lendas ainda assolam a velhice, sendo necessário desconstruir preconceitos e visões estereotipadas ou estigmatizadas.

A identidade do velho não precisa ser sinônimo de declínio, perda de força ou potência, sempre em contraste com a identidade do jovem, que geralmente representa poder e virilidade. Nesse sentido, é preciso romper com os mecanismos que levam aos pensamentos negativos sobre o envelhecimento, pois isso conduz ao caminho de toda a humanidade. “É preciso criar uma ‘cultura do envelhecimento’ para que mudanças necessárias aconteçam e permitam que as pessoas vivam e aceitem, o envelhecimento e a velhice, de forma positiva” (GAETA; MELLO; HAYAR, 2017, p. 94). Para isso, deve-se mudar o *status* da imagem que a sociedade faz do idoso.

Goldenberg (2013) defende a beleza na velhice e exemplifica idosos conhecidos e ativos, como Caetano Veloso, Gilberto Gil e Paul McCartney, que chegaram aos setenta anos levando

uma vida ativa e fazendo tudo o que ainda desejam. Outro autor que confirma a possibilidade de um envelhecimento digno é Monteiro (2008), que acredita que quanto mais informado menos o ser envelhecete corre o risco de cair nas armadilhas das indústrias de cosméticos que apregoam uma juventude eterna.

Assim, considera-se que a aquisição do maior número de informações está diretamente relacionado à maior chance de um envelhecimento saudável e feliz. Sob esse viés, Todaro (2009) defende a importância das relações intergeracionais e a continuidade de aprendizagem através dos estudos, que mesmo na velhice se mostra importante continuar a ampliação de conhecimentos.

A Organização Mundial de Saúde (OMS) explica que pessoas com idade maior ou igual a 60 anos podem assumir contornos muito variados, em função da heterogeneidade da população em termos de renda, saúde, escolaridade, etc. Existem velhos mais novos, com idade mais próxima dos 60 anos e outros mais velhos, com idades em torno dos 80 anos, como também há os velhos centenários. Portanto, são especificidades que tornam o envelhecimento diferente, para agentes distintos, cada um com sua própria maneira de envelhecer, não devendo generalizar a velhice como algo negativo (DEBERT, 2012).

Na visão de Monte *et al.* (2015, s.p.), os avanços tecnológicos podem proporcionar à população idosa uma melhor qualidade de vida e, conseqüentemente, uma maior expectativa de vida. “Apesar das dificuldades cognitivas e motoras do idoso, este não pode ser excluído dessa sociedade modernizada”. Nessa perspectiva, a chamada inclusão digital pode proporcionar mais autonomia na execução de tarefas cotidianas – a inserção tecnológica constitui importante acesso a informações, além de favorecer a quebra de monotonia (MENEZES, 2019).

Casadei *et al.* (2019) apregoam que incluir socialmente não é apenas ensinar o uso dos dispositivos tecnológicos, mas sim fornecer oportunidade ao indivíduo, para que ele desenvolva habilidades que facilitem a interação com a sociedade. Além disso, há novas formas de comunicação e aprendizagem que podem atualizar esses indivíduos acerca do seu estado de saúde e social. Segundo os mesmos autores, o idoso que sabe usar a internet pode obter maior bem-estar social, uma vez que são geradas a independência e autorrealização.

Vale pontuar que certas peculiaridades na interação dos idosos com a internet não ocorrem com os demais indivíduos, em razão de objetivos e experiências particulares. Assim, essa interação tende a ser diferenciada, pois os idosos possuem, além das limitações provenientes do envelhecimento, interesses ou maneiras distintas de contemplar a internet, por sua condição atual ou suas histórias de vida, gerando, portanto, uma demanda específica aos provedores de serviços na internet (LECHAKOSKI; WILDAUER, 2019).

Kachar (2010), em seu estudo sobre o envelhecimento saudável (senescência) e as perspectivas de inclusão digital, postula que o envelhecimento é considerado um estigma de perdas relacionadas à mobilidade física, à visão, à audição, à independência e aos afetos, ou seja, um estereótipo que geralmente dificulta observar expectativas e desejos. Contudo, a autora exalta o envelhecimento ativo, no qual existem situações de aprendizagem para que se desenvolvam novas habilidades e conhecimentos. Nessa perspectiva, o surgimento de iniciativas e programas de inclusão digital pode induzir a “navegação”, o entretenimento, a orientação espacial, entre outras possibilidades.

Monte *et al.* (2015, s.p.) confirmam que

o perfil do idoso do século XXI mudou quando ele deixou de ser uma pessoa que vive de lembranças, recolhido em seu aposento, para ser uma pessoa ativa, capaz de produzir, participante do consumo, que intervém nas mudanças sociais e políticas. Seu estereótipo cristalizado é algo preconceituoso e antigo decorrente de uma população que não dá a devida importância a integração dos idosos com o meio em que vivem.

A inclusão digital constitui, portanto, a oportunidade de se realizar a integração do idoso com o intuito de buscar qualidade de vida e até mesmo educação pessoal. Trata-se de uma alternativa benéfica para um envelhecimento saudável, além de proporcionar uma maior amplitude de informações e um desenvolvimento cognitivo e funcional. O Estatuto do Idoso abrange esse direito e prevê punições a quem os viola, em seu Art. 21, § 1º: “os cursos especiais para idosos incluirão conteúdo relativo às técnicas de comunicação, computação e demais avanços tecnológicos, para sua integração à vida moderna” (BRASIL, 2007).

Segundo Casadei *et al.* (2019), promover ações políticas para a inclusão digital dos idosos é uma maneira de atender à legislação vigente, além de oportunizar a eles o resgate da autonomia, autoestima, cidadania e do sentir-se útil.

Lechakoski e Wildauer (2019) descrevem alguns benefícios que o uso da internet pode trazer aos idosos: auxiliam na manutenção da saúde, assim como o corpo deve ser exercitado para estimular a saúde, a atividade mental pode modificar o comportamento acomodado que alguns idosos adotam ao envelhecer já que a tecnologia, quando convenientemente utilizada, pode facilitar o processo de comunicação incitando as relações interpessoais. Além disso, de acordo com os mesmos autores, a internet pode reduzir o isolamento, estimular mente e melhorar a sensação de bem-estar, mantendo as pessoas em contato com parentes e amigos em um ambiente de troca de informações.

Kachar (2010) aponta a perspectiva de implementação de espaços de alfabetização e letramento digital voltados para indivíduos de 45 anos ou mais, como as universidades abertas à maturidade:

É recomendável incorporar às programações curriculares, estratégias pedagógicas com informática, propostas com games e atividades de imersão em ambiente virtual. Devem ser respeitadas as condições de entendimento e interesse do público, com vistas à inclusão no contexto das evoluções tecnológicas, numa aproximação gradativa e progressiva com o universo digital que se dissemina em todos os setores da sociedade (KACHAR, 2010, p. 146).

A autora supracitada comenta que uma aluna idosa confidenciou que, depois de receber aulas de informática, adquiriu maior confiança e facilidade para lidar com os caixas eletrônicos, por exemplo. Sob esse viés, nota-se que a população idosa, na dinâmica de transformação tecnológica, pode aumentar significativamente o grau de sua autonomia, constituindo novos projetos de vida em direção do exercício da cidadania e do bem-estar na maturidade.

A inclusão digital pode significar, portanto, um recomeço para a realização de tarefas que antes não fazia parte da rotina do idoso, mas que hoje pode ajudar a melhorar muitos aspectos do seu cotidiano.

### **Circunstâncias (dificuldades e recompensas) identificadas durante o envelhecimento**

A velhice é uma fase que pode ser facilmente associada ao negativismo, quando baseada na decadência física. Por outro lado, pode surgir uma nova imagem, dessa vez positiva, que assume a autonomia e a liberdade da referida etapa. Como já mencionado anteriormente, para compreender a coexistência das duas imagens (negativa e positiva), é preciso considerar a representação social da velhice, assim como seus elementos recorrentes e estruturais (HUMMEL; LALIVE D'EPINAY, 2005).

Silva-Jardim, Medeiros e Brito (2006) buscam entender a forma como os idosos compreendem a velhice por meio da autopercepção, a fim de mostrar imagens e representações desses indivíduos a respeito do envelhecimento, através de entrevistas (com dez idosos). Para tanto, os autores questionaram a visão do envelhecimento, a partir da identificação de frustrações, desordens e dramatismo no modo como os entrevistados vivenciavam a referida fase. Contudo, não foram percebidos sentimentos de rejeição ou de inferioridade; a velhice foi associada a diferentes problemas, como doença, aparência do corpo e desrespeito com a pessoa idosa. Houve casos nos quais se notou a negação em estar velho associando essa fase a perdas, doenças e incapacidades.

Faller, Teston e Marcon (2015) concordam que “nem sempre a velhice é associada à presença de doenças e incapacidades, mas quando existe essa associação, os idosos tendem a apresentar imagens negativas da velhice”.

Segundo Lalive d’Epinay (2005), a representação social é geralmente composta por dois atributos principais: a Terceira Idade, como sendo a fase caracterizada pela exclusão da vida normal (assinalada pela perda do significado da vida); e a supressão e o conceito de vida normal com formas e cenários distintos, conforme determina a sociedade e a cultura do idoso. Desse modo, identificam-se algumas representações associadas à: incapacidade, perda da utilidade social, morte social, falta de prazeres, declínio da imagem. Tudo isso decorre dos obstáculos encontrados na realização de atividades (por exemplo: cansaço, dores, falta de energia, perda de memória, entre outros).

Guerra e Caldas (2010) confirmam que

não é incomum encontrar a representação do envelhecimento associada também à saúde, doença ou bem-estar, condições determinantes para participação nas atividades laborativas e sociais. Seguindo esse pensamento, pode-se perceber que, quando há doença, ali existem a velhice e suas limitações.

Portanto, a velhice é constantemente relacionada a doenças, e a negação pode estar associada à influência dos estereótipos sociais preestabelecidos durante o processo de envelhecimento.

Conforme Queiroz e Netto (2007), os idosos costumam sentir angústias e dificuldades emocionais manifestadas por meio de queixas corporais, reportando esses problemas aos serviços de saúde, com o intuito de receberem cuidados e atenção. Guerra e Caldas (2010) corroboram que “o envelhecer de maneira bem-sucedida depende dos recursos de que se dispõe para enfrentar as dificuldades, da história de vida e da forma como cada um entende o processo de envelhecimento e a velhice”.

Algumas circunstâncias favorecem as reações negativas, a saber: doenças ocasionais ou crônicas, aposentadoria obrigatória, isenção social, falta de respeito, perda de prestígio familiar e/ou laboral, resultam em uma “percepção de insulto e exclusão antecipada, principalmente quando esses indivíduos, durante a fase laborativa, possuíram alto prestígio e poder profissional” (GUERRA; CALDAS, 2010, s.p.).

Durante a análise de estudos e de trabalhos científicos, foram encontrados relatos de queixas e triunfos da referida fase, sendo, assim, aceitos como dificuldades e recompensas. As características relacionadas ao envelhecimento podem ser diferentes ou de intensidades distintas, podendo ser agrupadas da seguinte forma:

**Dificuldades ou percalços identificados na velhice:** degradação física e mental, inabilidade, doenças, perda do papel social, amnésia, caducidade, raciocínio lento, desgaste físico, perda de resistência, tristeza, desrespeito, solidão, assexualidade, preconceito, desocupação, decadência da imagem, declínio da aparência do corpo, aparecimento de rugas, dependência, carência de prazeres, rejeição familiar, abandono, afastamento, depressão, morte próxima.

**Recompensas ou benefícios encontrados na velhice:** integração, autoconhecimento, experiência, autonomia física e mental, independência, apoio e suporte familiar, presença em grupos extrafamiliares, fila preferencial, passe livre em transporte coletivo, etc. Vale destacar que, no geral, as vantagens dependem dos desígnios e escolhas dos idosos, que ocorrem ao longo da vida, como aquisição financeira, dedicação à família, afetos em geral, contatos em redes sociais, ou seja, ações que podem suprimir algumas das dificuldades comuns à/na velhice.

Santos (2002, s.p.) conclui que não é possível generalizar as imagens/representações dos idosos, pois é necessário “investigar cada população considerando-se a situação socioeconômica, a cultura a que pertence, a religião que pratica, as atividades disponíveis, as regionalidades e, principalmente, a individualidade de cada idoso a respeito do seu próprio envelhecimento”.

Apesar de haver mais perdas do que ganhos na fase da velhice, esta não pode ser considerada sinônimo de derrota, de doenças e nem de limitações para a maioria das atividades desenvolvidas enquanto se é jovem. “Viver significa adaptação ou possibilidade de constante autorregulação, tanto em termos biológicos, quanto em termos psicológicos e sociais” (MENEZES; LOPES; AZEVEDO, 2009).

É necessário, ainda, desenvolver mais ações que apreciem a opinião do idoso e que ofereçam informações mais satisfatórias no que se trata de sua participação social e sua percepção sobre o envelhecimento. Acredita-se que, assim, seria possível valorizar sua imagem (do idoso), favorecendo a participação e a permanência em grupos destinados a esse público. Vale lembrar que um idoso ativo é considerado um idoso sábio, o que constitui motivo de fatuidade e de exemplo para todos.

Muitas pesquisas evidenciaram a dificuldade de aceitação do corpo que envelhece. Ao se analisar essa fase, percebe-se uma busca constante pelo corpo esbelto e sem limites, frequentemente apresentado pela mídia através de imposições estéticas. Mas não se pode esquecer que esse processo é progressivo e irreversível, sendo que as alterações fisiológicas, bioquímicas e psicológicas são consequências da ação do tempo.

Portanto, dar voz aos idosos, além de valorizar suas percepções e dificuldades enfrentadas no dia a dia, configura uma estratégia eficaz para contribuir para o conhecimento desse fenômeno. Adicionalmente, o olhar reflexivo no processo de envelhecimento, considerando as dimensões que o cercam, é fundamental para compreender seus significados, além de confrontar suas diferentes facetas e identificar as razões de suas diferenças.

Muitos estudos são realizados com o objetivo de aumentar a nossa expectativa de vida e prolongar a juventude, com forte apelo das indústrias de cosméticos e incentivos para cirurgias estéticas. Silva (2013) relata que cada vez mais há uma busca por um eu ideal, “uma perfeição que já foi vivida pelo sujeito em sua primeira infância, e que ao crescer se dá conta de que não é tão perfeito quanto julgava ser, e que assim ele busca voltar a encontrar”. Freud (1996, p. 101) atesta que, ao crescer, o indivíduo “se vê perturbado pelas admoestações de terceiros e pelo despertar de seu próprio julgamento crítico, de modo a não mais poder reter aquela perfeição, procura recuperá-la sob a forma de um ego ideal”.

De acordo com Oliveira (2018), a indústria está interessada no dinheiro dos idosos, sustentando que “tão logo o mundo se deu conta do fenômeno do envelhecimento populacional, iniciou-se uma corrida para ver quem chega primeiro ao supostamente promissor mercado consumidor da terceira idade”. A mesma autora afirma que os profissionais de marketing têm enxergado o “ouro” advindo do “prateado” dos cabelos grisalhos: “a metáfora da alquimia – prata se transformando em ouro – constitui um dos principais discursos recorrentes na literatura de marketing contemporânea sobre o novo mercado dos idosos” (OLIVEIRA, 2018, p. 29).

O mercado estaria entusiasmado pelo elevado potencial para a criação de necessidades e atendimento de demandas, com base nas características específicas inerentes da velhice:

Há produtos desenvolvidos especialmente para os mais velhos sendo vendidos na região, como fraldas geriátricas coloridas e estampadas e um robô criado para substituir os animais domésticos nos lares dos idosos e que conta com sensores que auxiliam o dono em atividades ligadas ao cuidado com a saúde e exercícios físicos (OLIVEIRA, 2018, p. 29).

Por fim, a autora descreve três segmentações de mercado: idosos entre 50 e 65 anos (meia idade), entre 66 e 75 anos (recém-aposentados) e os 75+. Dessa forma, estabelece-se que cada faixa possui seus padrões de gastos similares e característicos, conforme identidade compartilhada proveniente da idade.

Períodos de dor e desprazer fazem parte da vida, sendo necessários para a construção e manutenção do ego. A proximidade da morte não pode ser adiada ou negada, nem tampouco

tamponado com medicamentos, cirurgias ou com uma falsa máscara de felicidade, conforme destaca Silva (2013, s.p.):

Não se pode negar que nossa atitude frente à morte e à transitoriedade sofreu mudanças no decorrer dos séculos. Que elas continuem em transição, afinal, como bem nos lembra Freud: *Si vis vitam, para mortem. Se queres suportar a vida, prepara-te para a morte* (1915, p. 309). Morremos pouco a pouco, dia após dia, e isso não diminui a beleza ou a importância da vida.

A noção de transitoriedade pode ser difícil, o que prejudica a percepção de vida, mas essa é uma concepção verdadeira e que exerce influência no sujeito. A morte, assim como a velhice, deve ser retratada sob uma ótica que considere todos os aspectos de uma sociedade, através de uma discussão ampla e que envolva diferentes áreas de construção do conhecimento. Cabe ressaltar que cada sociedade tem um modo de compreensão sobre a velhice, conforme prática específica de cada grupo, como atitudes de respeito, medo, solenidade, reverência, descaso, vergonha e/ou violência. Trevisan (2014) atesta que, cada vez mais, o envelhecimento humano é compreendido como um processo influenciado por diversos fatores - gênero, classe social, padrões de saúde individuais e coletivos da sociedade.

Dessa forma, nota-se que nem sempre é fácil enfrentar a transitoriedade da vida, pois muitos ficam presos no passado e esquecem o presente; já outros ficam focados no futuro e renegam o presente; a transição decorre da transmutação de valores (SCHWARZ, 2009).

A velhice consiste em um processo dinâmico e progressivo, que causa alterações morfológicas, funcionais, bioquímicas e psicológicas (que determinam a perda progressiva das capacidades de adaptação do indivíduo), ocasionando maior vulnerabilidade e maior incidência de processos patológicos (SANTOS, 2002).

Para Trevisan (2014), a fase da velhice, assim como em qualquer outra idade, abrange pessoas sãs e pessoas doentes. O autor esclarece que muitas enfermidades são próprias da velhice, mas outras já existiam antes da chegada desse processo, podendo terem se manifestado (antes) em menor intensidade, mas na velhice há um curso acelerado.

Contudo, este fato não afasta a chance de, com o passar dos anos, haver mudanças naturais para constituir uma velhice sã e normal, como explicado por Kafka (2010, s.p.):

A metamorfose poderia representar uma súbita mudança de postura diante da vida, de ideias e pensamentos diversos dos que se tinha anteriormente e/ou que eram pressupostos e aceitos pelo seu meio. Por exemplo, uma nova ideologia política, uma nova visão religiosa ou até mesmo filosófica perante a vida, um desejo de mudança radical de profissão, ou o próprio envelhecimento, que muitos se dão conta somente quando ele chega, não pensam que é um processo pelo qual passamos.

Nesse sentido, observa-se que o idoso tem suas dificuldades orgânicas e psíquicas no que se trata do tempo cronológico. Entretanto, ele é um sujeito que possui desejos e tenta realizá-los nos meios cabíveis do processo de envelhecimento, sendo a sociedade um grande obstáculo para realizá-los.

## PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O embasamento teórico e metodológico provê a sustentação de qualquer trabalho científico, exigindo um “conjunto das atividades sistemáticas e racionais que, com maior segurança e economia, permite alcançar o objetivo” (LAKATOS; MARCONI, 2007, p. 83). Assim, enquanto pesquisa descritiva, tem-se por objetivo definir melhor o problema, descrever comportamentos de fenômenos, definir e classificar fatos e variáveis.

Como abordagem qualitativa, realiza-se a análise da literatura baseada na investigação e reflexão sobre a sociedade e a cultura, a fim de compreender os princípios que estruturam as práticas. Conforme Moraes (2009), é recomendado fazer um uso intensivo de “citações diretas” dos dados originais, podendo haver descrições abrangentes. O levantamento da literatura, que propiciou a discussão e a compreensão do assunto escolhido, de modo descritivo, foi realizado em bases de dados da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações – BDTD (teses e dissertações); da *Scientific Electronic Library Online* – Scielo; e no Portal de Periódicos Capes, culminando na identificação de 50 estudos que abordavam o assunto.

Ainda quanto à seleção dos estudos, utilizou-se o software VOSviewer, que é uma ferramenta para construção e visualização de redes bibliométricas. Essas redes podem incluir periódicos, pesquisas ou publicações individuais, sendo construídas a partir de relações de citação, acoplamento bibliográfico, cocitação ou coautoria. Além disso, o VOSviewer oferece a funcionalidade de mineração de texto, o que favorece a construção e visualização de redes de coocorrência de termos importantes extraídos de um corpo literário científico (IBICIT, 2019). Foram buscadas as seguintes palavras-chave: representação social; envelhecimento; estereótipo; estigmatização; e desafios, priorizando documentos em português e publicados no Brasil nos últimos 20 anos.

Cabe pontuar que a interpretação não é feita somente sobre os conteúdos manifestos na literatura, como também sobre os latentes, sejam eles ocultados consciente ou inconscientemente pelos autores. Para tanto, utiliza-se a fundamentação teórica claramente explicitada a priori, construída com base nos dados e nas categorias da análise, a fim de embasar a discussão apresentada a seguir.

## DISCUSSÃO

O aumento da longevidade é um fato. Entretanto, dependendo das condições de vida, essa evolução vem acompanhada por várias restrições e perdas (de ordem física, emocional e social). Santos (2002) avisa que a velhice pode representar sofrimento e desencadear doenças, entre outros problemas funcionais e emocionais. Motta (2002) e Queiroz e Netto (2007) confirmam que, nessa fase, a dependência aumenta e há perda da autonomia, isolamento social e solidão. Contudo, se o envelhecimento estiver atrelado à boa saúde física e ao desempenho de papéis sociais, a qualidade de vida pode ser muito boa.

É válido destacar que cada sociedade compreende a velhice de forma distinta, conforme prática específica de cada grupo, como atitudes de respeito, medo, solenidade, reverência, descaso, vergonha e/ou violência. Trevisan (2014) confirma que diversos fatores, tais como gênero, classe social, padrões de saúde individuais e coletivos da sociedade, influenciam a visão sobre esse processo.

Segundo Rodrigues e Silva (2013), o apoio social pode estar associado a resultados favoráveis nos níveis de saúde dos idosos, auxiliando no enfrentamento das perdas e limitações decorrentes do processo de envelhecimento. Assim, a qualidade de vida dos idosos pode ser afetada pelas perdas e carências, mas seu efeito perturbador depende do significado atribuído por eles.

Como esse significado é dependente da crença de autoeficácia dos idosos e do quanto eles se percebem estimados por outras pessoas, considera-se que o apoio social contribui significativamente para o bem-estar e a qualidade de vida desse público.

Sobre a complexidade do processo de envelhecimento, durante todo o ciclo da vida, o indivíduo é desafiado a lidar consigo mesmo, com os outros e a superar limitações. Ao entrar na velhice, é natural fazer reflexões sobre a vida, tanto positivas (valorizando sua história de vida), como negativas (observando os erros cometidos ao longo de sua trajetória).

Diante do exposto,

a rede de atenção a este público deve ter propostas que estimulem o protagonismo, a criatividade, para que este processo seja vivenciado com vitalidade, mantendo a curiosidade, a descoberta e a aprendizagem de novas coisas. Mas para que isso seja possível é necessário compreender o idoso em suas diversas formas de ser e respeitando as suas maneiras de viver. Ou seja, deve atentar-se para as suas memórias (FARIA *et al.*, 2017).

Nesse sentido, o desenvolvimento de atividades prazerosas ou de práticas caracterizadas pela produtividade e criatividade proporcionam ótimos resultados. Destaca-se a possibilidade de acesso a atividades culturais e recreativas, sobretudo pelos segmentos mais vulneráveis, e também o fomento das solidariedades intergeracionais “tanto na família como nos diversos contextos sociais” (DIAS, 2012, p. 64). Além disso, existem benefícios socioeconômicos do acesso à internet pelos mais velhos, conforme assegurado por Neves, Amaro e Fonseca (2013). Trata-se de uma alternativa para a diminuição do isolamento social, que propicia qualidade no cotidiano, através de acesso facilitado a serviços como o de pesquisa, banco e compras.

Ainda, para propiciar a transformação social e a otimização da qualidade de vida, Faria *et al.* (2017) realizaram técnicas grupais, aliadas a escuta especializada de cuidado e acolhimento, com a finalidade de oferecer aos participantes a oportunidade de expor sentimentos, sonhar com um futuro mais ampliado de possibilidades e esperanças. No referido estudo, foi atestado que a participação ativa e produtiva dos idosos contribui para reduzir os impactos sociais advindos do envelhecimento.

Com relação à negociação da assistência e cuidado no final da vida, é fundamental a autonomia na escolha de projetos pessoais, o que configura um esforço em conduzir uma vida de significado e propósito até em idades avançadas, tanto para quem oferece os cuidados quanto para quem os recebe (SANTANA; BERNARDES; MOLINA, 2016).

Nesse contexto, torna-se essencial que o idoso “tenha projetos que não envelheçam ou se percam nos tempos e estabeleça prioridades individuais, que além da expectativa quanto aos dias futuros, são indicativas das tarefas evolutivas que o faz pertencente da sociedade” (SANTANA; BERNARDES; MOLINA, 2016, s.p.). Esse engajamento em atividades pode ser favorecido pela disponibilidade de tempo livre (comum na velhice), pelo desejo de executar planos pessoais e, ou, atividades prazerosas, aproveitando oportunidades que antes poderiam não ser possíveis. Portanto, projetar o futuro seria fundamental para garantir a satisfação pessoal e a qualidade de vida dos idosos.

Wichmann *et al.* (2013) estudaram 262 idosos do Brasil e 262 idosos da Espanha que faziam parte de grupos/centros de convivência, com o intuito de identificar a representação dessa população quanto ao grau de satisfação e aos benefícios obtidos na melhoria da saúde, a partir da convivência em grupos. Os referidos autores observaram que as atividades mais realizadas pelos idosos, do Brasil e da Espanha, são aquelas relacionadas à sociabilidade, praticadas por meio do contato com os amigos, momento em que buscam compartilhar alegrias, tristezas e conhecimentos.

Do mesmo modo, Ribeiro *et al.* (2017) analisaram estudos que abordam estratégias de enfrentamento utilizadas por idosos para lidar com o envelhecimento, sendo as mais citadas: luto antecipado, desejo de morrer, isolamento, submissão, negociação, aceitação, acomodação, procura por suporte social, procura por conforto espiritual e viver o presente. Dessa forma, os idosos vivenciam o envelhecimento com estratégias que podem gerar resultados favoráveis e desfavoráveis à saúde. Os autores puderam concluir que as estratégias favoráveis são: negociação, aceitação, acomodação, procura por suporte social, busca por conforto espiritual e viver o momento; e as estratégias desfavoráveis foram: luto antecipado, desejo de morte, isolamento e submissão.

Alves e Vianna (2010) constatam que inexistem

programas e projetos concretos, dentro de uma política de Estado, voltada aos idosos, e/ou a aproximação desses com outras gerações. Este tema não faz parte das Propostas Pedagógicas (PP) das escolas que ainda não se sentiram despertadas para a problemática do idoso e da intergeracionalidade. Descobrimos que existem ações isoladas que ocorreram por iniciativa de alguns professores e orientadores educacionais, apesar de reconhecermos o valor dessas iniciativas, mas estamos convencidos de que ainda não satisfazem às necessidades educativas de formação dos jovens, considerando a complexidade e relevância do tema.

Os autores entendem que a educação denominada por eles como “gerontológica” deve integrar políticas públicas, desde currículos escolares até o trabalho socialmente desenvolvido de forma transversal pelo governo, sugerindo que o relacionamento com idosos, em casa, na comunidade e na sociedade contribui para que esses indivíduos possam envelhecer melhor e com mais qualidade de vida.

Nessa perspectiva, Veras e Oliveira (2018) descrevem a Política Nacional de Saúde do Idoso (PNSI), implementada pela Portaria nº 1395/1999 do Ministério da Saúde (MS), com o intuito de promover o envelhecimento saudável, abrangendo a prevenção de doenças, a recuperação da saúde, e a preservação/melhoria/reabilitação da capacidade funcional dos idosos. Dessa forma, nota-se que o governo busca assegurar aos idosos sua permanência no meio e na sociedade, por meio do desempenho de atividades independentes. A partir da PNSI, são definidas ações e responsabilidades institucionais em um processo contínuo de avaliação que deve acompanhar o desenvolvimento dos idosos.

Na PNSI, há ênfase na promoção do envelhecimento saudável voltado ao desenvolvimento de ações que orientem a melhoria de suas habilidades funcionais, mediante a adoção precoce de hábitos saudáveis de vida, a eliminação de comportamentos nocivos à saúde, além de orientação aos idosos e seus familiares quanto aos riscos ambientais favoráveis a quedas. Também menciona a importância da manutenção da capacidade funcional com vistas à prevenção de perdas funcionais,

reforço de ações dirigidas para a detecção precoce de enfermidades não transmissíveis, com a introdução de novas medidas, como antecipação de danos sensoriais, utilização de protocolos para situações de risco de quedas, alteração de humor e perdas cognitivas, prevenção de perdas dentárias e outras afecções da cavidade bucal, prevenção de deficiências nutricionais, avaliação das capacidades e perdas funcionais no ambiente domiciliar e prevenção do isolamento social (VERAS; OLIVEIRA, 2018, p. 1932).

Observa-se que essa política constitui uma atenção organizada de maneira integrada, na qual os cuidados devem ser coordenados, durante o percurso assistencial, numa proposta de linha de cuidados, com foco em ações de educação, promoção da saúde, prevenção de doenças evitáveis, postergação de moléstias, cuidado precoce e reabilitação. Desse modo, são oferecidos benefícios não somente aos idosos, mas também qualidade e sustentabilidade ao sistema nacional de saúde.

Diante do aumento acelerado da população idosa, tornam-se urgentes as ações e políticas públicas que atendam os idosos. Apesar de o comércio estar atento aos idosos como grande consumidor em potencial de produtos e serviços, de novas formas de lazer e turismo, é preciso (re)pensar o idoso não apenas como um mero consumidor ativo, mas como um cidadão. Atentar para a transformação que a sociedade vive em relação à longevidade implica considerar a velhice como uma preocupação de ordem social. Nesse sentido, “[...] o envelhecimento se transforma em um problema que ganha expressão e legitimidade, no campo das preocupações sociais do momento” (DEBERT, 2012, p. 12).

A velhice corresponde a um fenômeno construído diferenciadamente nos diversos contextos culturais. Nas culturas tradicionais, como entre os chineses, japoneses e indígenas, os velhos são valorizados e respeitados pelos seus saberes e experiências, sendo reconhecidos como guardiões da cultura (ALCÂNTARA, 2004).

Como já mencionado anteriormente, no contexto de cada cultura, as construções sociais transmitidas através das gerações influenciam sobre nossa forma de pensar e agir, pois somos moldados socialmente e reproduzimos em nossas práticas as ideias que assimilamos em nossas vivências. A consciência que o indivíduo tem de si mesmo e do lugar que ocupa no mundo, chamado identidade, se constrói através das vivências e experiências adquiridas dentro de um grupo. Dessa forma, em função da valorização da beleza e de juventude, envelhecer pode ser uma experiência ambígua, a depender de sua associação a um estereótipo positivo ou negativo, decorrente do ajustamento ao modo físico idealizado.

Segundo Abreu (2017, p. 133-134), “beleza e juventude são tratadas como valores inseparáveis entre si e imprescindíveis para quem quer ter sucesso e felicidade”. Assim, muitas pessoas têm buscado atingir o ideal de beleza e permanecer com a aparência jovial, visando

fugir dos estereótipos ligados à velhice, vista como um período de deterioração e perdas, algo ruim e assustador, o que contribui para desvalorizar, inferiorizar e marginalizar essa fase da vida.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em todo o mundo, a representatividade do idoso sofre oscilações e transformações positivas e, ou, negativas, conforme mudanças culturais e sociais (estilo de vida), sendo necessário desconstruir preconceitos e visões estereotipadas/estigmatizadas.

A visão pejorativa, que coloca o idoso como sinônimo de declínio, perda de força ou de potência, deve ser abolida, pois as pessoas devem aceitar o envelhecimento e a velhice, de forma positiva, vivendo a fase da forma mais saudável e ativa possível. O envelhecimento digno, como denominado por Monteiro (2008), deve abranger acessibilidade social, relações familiares e amistosas intergeracionais, suporte e informações convergentes sobre essa etapa da vida. Acredita-se que, quanto mais informado, menos o ser envelhecido corre o risco de cair nas armadilhas das indústrias de cosméticos que defendem a juventude eterna. Autores como Todaro (2009) apregoam a importância das relações intergeracionais e da continuidade de aprendizagem por meio de estudos, já que mesmo na velhice é importante continuar a ampliação de conhecimentos.

Admite-se que o envelhecimento pode assumir contornos distintos, em função da heterogeneidade da população em termos de renda, saúde, escolaridade, entre outros. As especificidades tornam a velhice diferenciada, sendo que cada idoso possui sua forma de envelhecer. Portanto, não é possível generalizar essa fase. Ainda assim, recomendam-se o apoio social e o acesso a atividades culturais e recreativas, como alternativa para reduzir o isolamento.

Entre outras formas de propiciar qualidade de vida e felicidade, citam-se a inclusão digital, tão em voga no contexto atual, o estímulo à adoção de hábitos saudáveis (alimentação e prática de exercícios físicos) e a facilidade de acesso a alguns serviços, oportunizando assim o resgate da emancipação, da autoestima, da cidadania e da autopercepção de utilidade. Sob esse viés, acredita-se que a população idosa, nessa dinâmica de transformação e de reconhecimento, pode aumentar significativamente o grau de sua autonomia, ao adotar novos projetos de vida em busca do exercício da cidadania e do bem-estar na maturidade.

É necessário, ainda, desenvolver mais ações que apreciem a opinião do idoso e que ofereçam informações mais satisfatórias no que se trata de sua participação social e sua percepção sobre o envelhecimento. Assim, seria possível valorizar sua imagem, favorecendo a

participação e a permanência em grupos específicos. Vale lembrar que um idoso ativo é considerado um idoso sábio, o que constitui motivo de orgulho e de exemplo para a sociedade.

Muitas pesquisas evidenciaram a dificuldade de aceitação do corpo que envelhece. Ao se analisar essa fase, percebe-se uma busca constante pelo corpo esbelto e sem limites, frequentemente apresentado pela mídia através de imposições estéticas. Mas não se pode esquecer que esse processo é progressivo e irreversível, sendo que as alterações fisiológicas, bioquímicas e psicológicas são consequências da ação do tempo.

Nem sempre é fácil encarar a transitoriedade da vida - alguns ficam presos no passado e esquecem o presente, outros ficam focados no futuro e renegam o presente. Mas as alterações morfológicas, funcionais, bioquímicas e psicológicas são características que acometem a todos, mesmo que sob manifestações e intensidades diferentes. Trevisan (2014) confirma que, assim como em qualquer outra idade, a ação de envelhecer abrange todo mundo: pessoas sãs e pessoas doentes. Contudo, este fato não afasta a chance de constituir uma velhice hígida e normal.

A velhice é constantemente representada pelo sofrimento, adoecimento e outros problemas emocionais e funcionais. Seu processo é complexo - durante toda a vida, o indivíduo é desafiado a lidar consigo mesmo, com os outros e a superar as limitações. Ao envelhecer, é natural fazer reflexões sobre a vida, tanto positivas (valorizando sua história de vida), como negativas (observando os erros cometidos ao longo de sua trajetória). Cada construção social pode influenciar na forma de pensar e agir, pois somos moldados socialmente e reproduzimos em nossas práticas as ideias que assimilamos em nossas vivências. Alguns dos autores citados, como Lalive d'Épinay (2005), Silva-Jardim, Medeiros e Brito (2006), e Faller, Teston e Marcon (2015), confirmam que a forma como se envelhece depende, dentre outros fatores, da história de vida e da autopercepção sobre a velhice.

Diante do exposto, percebe-se que existe uma visão preconceituosa sobre o envelhecimento, decorrente de informações insuficientes a respeito desse processo. Tais aceções e conceitos contraproducentes podem gerar estereótipos negativos e ainda causar a exclusão dos idosos na sociedade.

A literatura pesquisada esclarece sobre as possibilidades de ganhos evolutivos dessa fase de vida, tais como sabedoria, espiritualidade e seletividade socioemocional. Assim, a velhice pode servir de exemplo para formação e mudança de atitudes, compreendidas como parte de um plano de educação integral, que pode abranger todas as relações comunicativas, inclusive nas redes sociais virtuais. A qualidade de vida inclui a maneira como as gerações oferecem respeito e apoio.

Como limitação deste estudo, assume-se certa generalização sobre representações dos idosos, no que diz respeito ao próprio envelhecimento da população em geral, como a brasileira. Por essa razão, sugere-se a investigação de grupos diferenciados, levando em consideração a conjuntura socioeconômica, a cultura, a religião, as atividades praticadas, as regionalidades e, principalmente, a personalidade de cada idoso. Deve ser registrada, também, a escassez de estudos sobre a relação de ganhos e perdas oriundas da velhice; nessa via, espera-se que novos trabalhos sejam desenvolvidos, associando a autoanálise positiva ou negativa dos idosos, incluindo a participação quantitativa desse público-alvo.

Acredita-se que o desenvolvimento deste estudo possibilitou sensibilizar e enfatizar a valorização do idoso, visando o incentivo à sua participação social, assim como o estímulo à criação de grupos específicos destinados a esse nicho, com o objetivo de melhorar as relações intergeracionais, uma vez que um idoso ativo deve ser reconhecido como motivo de orgulho e exemplo para a comunidade.

Por fim, reconhecendo a complexidade e a dimensão desse tema, recomendam-se, antes de tudo, compreensão, respeito mútuo e afeto em todas as redes de convívio ou de comunicação.

## REFERÊNCIAS

- ABREU, M. C. de. **Velhice** - uma nova paisagem. São Paulo: Ágora, 2017. 200 p.
- ALCÂNTARA, A. de O. **Velhos institucionalizados e família: entre abafos e desabafos**. Campinas: Editora Alínea, 2004.
- ALVES, V. P.; VIANNA, L. G. Políticas públicas para a educação gerontológica na perspectiva da inserção social do idoso: desafios e possibilidades. **Ensaio**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 68, p. 489-510, 2010.
- BEAUVOIR, S. **A Velhice**. Trad. Maria Helena Franco Monteiro. 5ª Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Estatuto do Idoso**. Ministério da Saúde. 2 ed. rev. Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2007. 70 p.
- CAMARANO, A. A. (ogs). **Os novos idosos brasileiros: muito além dos 60?** Rio de Janeiro, IPEA 2004, p. 25.
- CASADEI, G. R. *et al.* Influência das redes sociais virtuais na saúde dos idosos. **Enciclopédia Biosfera**. Centro Científico Conhecer - Goiânia, v. 16, n. 29, 2019.
- DEBERT, G. **A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento**. São Paulo: EDUSP, 2012.

DIAS, I. O uso das tecnologias digitais entre os seniores. Motivações e interesses. **Sociologia, Problemas e Práticas**, n. 68, p. 51-77, 2012.

DIAS, M. A. F.; PAÚL, C.; WATANABE, H. A. W. Representações sociais de velhice e suas relações com declínio e finitude em comentários e críticas publicados na mídia. **Revista Kairós Gerontologia**, v. 17, n. 1, p.125-143, 2014.

FALLER, J. W.; TESTON, E. F.; MARCON, S. S. A velhice na percepção de idosos de diferentes nacionalidades. **Texto Contexto Enferm**, Florianópolis, v. 24, n. 1, p. 128-137, 2015.

FARIA, A. M. A. de; *et al.* Projeto de vida na terceira idade: o trabalho da orientação profissional na sensibilização de um grupo de idosas. **Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas**, v. 2, n. 3, 2017.

FREIRE FILHO, J. Mídia, estereótipo e representação das minorias. **Eco Pós**. Rio de Janeiro: Pós-Graduação em Comunicação e Cultura, UFRJ, v. 7, n. 2, p. 45-65, 2004.

FREUD, S. **Luto e melancolia**. A história do movimento psicanalítico. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

GAETA, I. P.; MELLO, L. T. de; HAYAR, M. A. S. P. Psicogerontologia – A psicologia Analítica, o Envelhecimento e as Questões da Modernidade. In: FRAGOSO, V.; MAYOR, M. In: (coordenação) **Gerontologia e Transdisciplinaridade I**. São Paulo: Portal do Envelhecimento, 2017, p. 89-105.

GOLDENBERG, M. **A bela velhice**. Rio de Janeiro: Record, 2013.

GUERRA, A. C.; CALDAS, C. P. Dificuldades e recompensas no processo de envelhecimento: a percepção do sujeito idoso. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 15, n. 6, 2010.

HUMMEL, C.; LALIVE D'EPINAY, C. **Aging in Western societies**. Geneva: Centre Interdisciplinary Gerontology, University of Geneva; 2005. p. 141-155.

IBICIT. **Tutorial Software VOSviewer**. 2018. Disponível em: <<http://www.larhud.ibict.br/index.php?title=VosViewer>>. Acesso em: 12 março. 2019.

KACHAR, V. Envelhecimento e perspectivas de inclusão digital. **Revista Kairós Gerontologia**, São Paulo, v. 13, n. 2, p. 131-147, 2010.

KAFKA, F. **Metamorfose**. São Paulo: Conrad, 2010.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 6 ed. 7 reimpr. São Paulo: Atlas, 2007.

LECHAKOSKI, R. de M.; WILDAUER, E. W. **Os idosos na internet**: uma análise da utilização da internet pelos idosos no Brasil. Universidade Federal do Paraná, 2019.

MENEZES, M. do R. **A Influência da inclusão da pessoa idosa**: ensino superior e sua qualidade de vida. Universidad Autónoma de Asunción – Paraguay. Magister en Ciencias de la Educación, 2019.

- MENEZES, T. M. de O.; LOPES, R. L. M.; AZEVEDO, R. F. A pessoa idosa e o corpo: uma transformação inevitável. **Rev. Eletr. Enf.** v. 11, n. 3, p. 598-604, 2009.
- MERCADANTE, E. F. Velhice: identidade e subjetividade. In: QUEIROZ, Z. P. V. **Perspectiva cultural do envelhecimento**. São Paulo (SP): Secretaria Estadual de Assistência e Desenvolvimento Social: Fundação Padre Anchieta, 2009.
- MINAYO, M. C. de S.; COIMBRA JÚNIOR, C. E. A. **Entre a liberdade e a dependência: reflexões sobre o fenômeno social do envelhecimento**. Antropologia, saúde e envelhecimento. Fiocruz, 2002.
- MINAYO, M. C. S. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: MINAYO, M.C.S. (Org.) **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 23 Ed. Petrópolis: Vozes, 2004.
- MINÓ, N. M.; FARIAS, R. de C. P. **Percepções de crianças e adolescentes sobre o envelhecimento e estigmas ligados à velhice**, 2016. 105 p. (Dissertação de Mestrado em Economia Doméstica). Universidade Federal de Viçosa, 2016.
- MINÓ, N. M.; MELLO, R. M. A. V. de. A velhice nas imagens e vídeos divulgados no *Facebook*: pedagogias culturais na formação do pensamento coletivo. **Rev. Educ., Cult. Soc.**, v. 9, n. 1, p. 67-78, 2019.
- MONTE, N. L. do *et al.* Desafios do processo de inclusão dos idosos frente às tecnologias de informação: um estudo reflexivo. **Anais CIEH**, v. 2, n. 1, 2015.
- MONTEIRO, P. P. **Envelhecer ou Morrer, eis a questão**. Coleção Envelhecer & Viver, Gutenberg Editora: Belo Horizonte, 2008.
- MONTEIRO, P. P. **Envelhecer: histórias, encontros, transformações**. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- MORAES, R. Análise de conteúdo. **Revista Educação**, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 2009.
- MOTTA, A. B. da. Envelhecimento e sentimento do corpo. In: MINAYO, M. C. de S.; COIMBRA JÚNIOR, C. E. A. In: (organizadores). **Antropologia, Saúde e Envelhecimento**. Rio de Janeiro, Editora Fiocruz, 2002. p. 36-50.
- NERI, A. L.; JORGE, M. D. **Atitudes e conhecimentos em relação à velhice em estudantes de graduação em educação e em saúde: subsídios ao planejamento curricular**. Estudos de Psicologia, v. 23, n. 2, p.127-137, 2006.
- NERI, A. L. Atitudes e preconceitos em relação à velhice. In: NERI, Anita Liberalesso (Org.). **Idosos no Brasil: vivências, desafios e expectativas na terceira idade**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, Edições SESC SP, p. 33-46, 2007.
- NEVES, B. B.; AMARO, F.; FONSECA, J. R. S. Coming of (Old) Age in Digital Age: ICT Usage and Non-Usage Among Older Adults. **Sociological Research Online**, v. 18, n. 2, p. 1-14, 2013.
- OLIVEIRA, A. C. **A velhice conectada e suas representações na publicidade em vídeo brasileira**. Dissertação apresentada à Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2018.

- QUEIROZ, Z. P. V.; NETTO, M. P. Envelhecimento bem-sucedido: aspectos biológicos, psicológicos e socioculturais. In: Papaléo Netto M. **Tratado de gerontologia**. 2 ed. rev. ampl. São Paulo: Atheneu, 2007. p. 807-815.
- RIBEIRO, M. dos S. *et al.* Estratégias de enfrentamento de idosos frente ao envelhecimento e à morte: revisão integrativa. **Rev. Bras. Geriatr. Gerontol.**, Rio de Janeiro, 2017.
- RODRIGUES, A. G.; SILVA, A. A. da. A rede social e os tipos de apoio recebidos por idosos institucionalizados. **Rev. Bras. Geriatr. Gerontol.**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 1, p. 159-170, 2013.
- SANTANA, C. da S.; BERNARDES, M. S.; MOLINA, A. M. T. B. Projetos de vida na velhice. **Estud. interdiscipl. envelhec.**, Porto Alegre, v. 21, n. 1, p. 171-186, 2016.
- SANTOS, G. A. Os conceitos de saúde e doença na representação social da velhice. **Revista Virtual Textos & Contextos**, v. 1, n.1, p. 1-12, 2002.
- SCHWARZ, L. R. **EnvelheSer**: a busca do sentido da vida na terceira idade. São Paulo: Vetor, 2009.
- SILVA, A. de O. **Percepções de pessoas quinquagenárias sobre o processo de envelhecimento**, 2017. 91 p. (Dissertação de Mestrado em Economia Doméstica). Universidade Federal de Viçosa, 2017.
- SILVA, M. S. R. da. **O medo do velho**: um diálogo sobre a transitoriedade e o medo da morte. Universidade de Brasília Instituto de Psicologia. Curso de Especialização em Teoria Psicanalítica. Brasília, 2013.
- SILVA-JARDIM, V. C. F.; MEDEIROS, B. F.; BRITO, A. M. Um olhar sobre o processo de envelhecimento: a percepção de idosos sobre a velhice. **Rev Bras Geriat e Geront**, v. 11, n. 2, p. 25-34, 2006.
- TODARO, M. de A. **Vovô vai à escola**: a velhice como tema transversal no ensino fundamental. Campinas, SP: Papyrus, 2009.
- TREVISAN, M. O tempo do envelhecimento: fase, desgaste ou metamorfose. **Revista Filosofia Capital**. Edição Especial – Concepções acerca da Verdade. Brasília, DF. v. 9, p. 68-76, 2014.
- VERAS, R. P.; OLIVEIRA, M. Envelhecer no Brasil: a construção de um modelo de cuidado. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 23, n. 6, p. 1929-1936, 2018.
- WICHMANN, F. M. A.; *et al.* Grupos de convivência como suporte ao idoso na melhoria da saúde. **Rev. Bras. Geriatr. Gerontol.**, Rio de Janeiro. v. 16, n. 4, p. 821-832, 2013.